



7 • Correio Braziliense — Brasília, sexta-feira, 2 de setembro de 2022

Bolsas Na quinta-feira	Pontuação B3 Ibovespa nos últimos dias	Salário mínimo	Dólar Na quinta-feira	Euro Comercial, venda na quinta-feira	Capital de giro Na quinta-feira	CDB Prefixado 30 dias (ao ano)	Inflação IPCA do IBGE (em %)
0,81% São Paulo	112.323	R\$ 1.212	26/agosto 5,078 29/agosto 5,033 30/agosto 5,113 1º/setembro 5,201	R\$ 5,210	6,76%	13,68%	Março/2022 1,62 Abril/2022 1,06 Maio/2022 0,47 Junho/2022 0,67 Julho/2022 -0,68
0,46% Nova York	29/8 30/8 31/8 1º/9						

CONJUNTURA / Avanço de 1,2% no segundo trimestre superou expectativas dos analistas e colocou a produção de riquezas do país acima do patamar do período imediatamente anterior à pandemia. Juros, porém, podem frear expansão

PIB cresce com alta de indústria e serviços

» ROSANA HESSEL

O Produto Interno Bruto (PIB) do segundo trimestre cresceu 1,2% na comparação com os três meses anteriores, na série com ajuste sazonal, totalizando R\$ 2,4 trilhões. O resultado do indicador da formação de riqueza do país divulgado ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), deixou a economia brasileira 3% acima do patamar dos últimos três meses de 2019, época de normalidade, antes da pandemia da covid-19.

A alta ficou acima da mediana das estimativas do mercado, de 0,9%, e desencadeou nova onda de revisões das projeções de crescimento do PIB deste ano. Antes, em torno de 2%, as previsões para 2023 estão subindo para algo entre 2,5% e 3%. Com o resultado divulgado ontem, a economia acumulou avanço de 2,5% no primeiro semestre.

Analistas reconhecem que o dado do IBGE foi positivo, impulsionado pelo bom desempenho da indústria e dos serviços, assim como do crescimento acima do esperado no consumo das famílias e nos investimentos. O consumo do governo e as exportações contribuíram negativamente para o PIB, refletindo a incapacidade do setor público para investir e o impacto da desaceleração global nos embarques de produtos nacionais.

De acordo com levantamento da Austin Rating, o Brasil ficou na 7ª colocação em um ranking de 29 países liderado pela Holanda, que cresceu 2,6%, e que traz a China entre os últimos colocados, devido ao tombo de 2,6% no PIB trimestral.

Especialistas ressaltam que as medidas de estímulo do governo contribuíram para turbinar a atividade econômica, como o adiantamento do 13º dos aposentados e o saque emergencial do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS). Outro fator que contribuiu para o resultado foi a inflação, que atingiu o pico de 12% entre abril e junho, elevando o faturamento das empresas e a arrecadação de impostos.

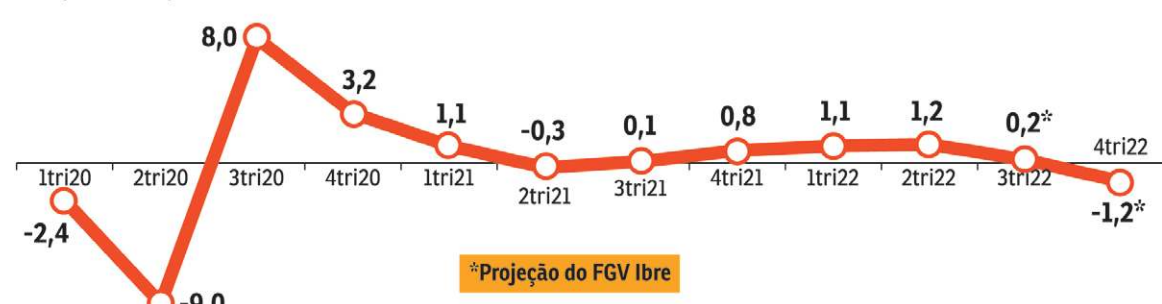
Contudo, analistas alertam que a tendência é de desaceleração nos próximos trimestres, mesmo

Surpresa positiva

PIB cresce acima das previsões do mercado no segundo trimestre, puxado por indústria, serviços e investimentos. Analistas revisam projeções de 2022 para cima, mas alertam para desaceleração em curso até 2023

Evolução do PIB

Varição em relação ao trimestre anterior — (em %)



Desaceleração à vista

Apesar do dado positivo do 2º trimestre, a tendência é de desaceleração nos três motores do PIB

Evolução das taxas acumuladas em 4 trimestres — (em %)

Período	PIB	Consumo das famílias	Investimentos	Serviços Total
1tri20	0,9	1,9	5,1	1,0
2tri20	-2,1	-1,8	-0,3	-2,0
3tri20	-3,3	-4,0	-3,5	-3,5
4tri20	-3,9	-5,4	-0,5	-4,3
1tri21	-3,5	-5,7	2,2	-4,4
2tri21	1,9	-0,5	13,0	0,6
3tri21	3,9	2,1	20,2	3,3
4tri21	4,6	3,6	17,2	4,7
1tri22	4,7	4,6	10,1	5,8
2tri22	2,6	3,4	3,5	4,3

com os novos estímulos fiscais do pacote de R\$ 41,2 bilhões criada pela chamada PEC Kamikaze. Os efeitos da política de juros do Banco Central — que passou a ficar restritiva no fim de 2021 — começam a ter reflexo neste semestre, e devem se alastrar até 2023.

“O consumo das famílias e os estímulos do governo potencializaram o crescimento e ajudaram em uma recuperação mais forte do setor de serviços. No caso dos investimentos, o crescimento foi robusto, mas sobre uma base fraca”, destacou a economista Alessandra Ribeiro, sócia da Tendências Consultoria. Ela não descarta

queda no PIB do último trimestre do ano, devido ao aperto monetário. Pelas projeções da Tendências, a taxa básica de juros (Selic) deverá ter mais uma alta neste mês, de 13,75% para 14% ao ano.

Contração

A economista Silvia Matos, coordenadora do Boletim Macro do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (FGV Ibre), reconheceu a surpresa positiva do PIB, mas ressaltou que é possível ver um cenário de contração nos indicadores acumulados em quatro trimestres

Ranking global

Com a alta de 1,2% no PIB do segundo trimestre, Brasil ficou em 7º lugar em ranking de 29 países elencados pela Austin Rating

Ranking	País	Variação (%)
1º	Holanda	2,6
2º	Turquia	2,1
3º	Arábia Saudita	1,8
4º	Israel	1,6
5º	Colômbia	1,5
6º	Suécia	1,4
7º	Brasil	1,2
22º	Estados Unidos	-0,2
26º	China	-2,6
Média		0,6
Média Brics		-0,6

Fontes: IBGE, FGV Ibre e Austin Rating

Destaques do PIB

Veja o desempenho dos principais componentes do PIB — (em %)

Indicadores	tri/1tri*	2tri22/2tri21**
PIB	1,2	3,2
Agricultura	0,5	-2,5
Indústria	2,2	1,9
Serviços	1,3	4,5
Consumo das famílias	2,6	5,3
Consumo do governo	-0,9	0,7
Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF)	4,9	1,5

*com ajuste sazonal **sem ajuste sazonal



Ed Alves/CB/D.A Press



Demanda represada: normalização dos negócios ajudou o comércio

Consumo das famílias puxa atividade

» RAFAELA GONÇALVES

A volta dos serviços presenciais puxou o crescimento de 2,6% do consumo das famílias no segundo trimestre deste ano. O aumento foi o maior desde o quarto trimestre de 2020, que teve alta de 3,1%. Com o avanço, o indicador já atingiu nível 1,9% superior ao verificado no quarto trimestre de 2019, o último antes do início da pandemia de covid-19.

A coordenadora de Contas Nacionais do IBGE, Rebeca Palis, destacou o resultado como fruto de uma demanda represada. “Um efeito disso é o aumento no preço das passagens aéreas. Também houve o crescimento do comércio, tanto do

atacado quanto do varejo”, observou a pesquisadora.

O consumo das famílias é o principal componente do PIB sob a ótica da demanda, ou seja, dos gastos com bens e serviços, respondendo por cerca de 60% do cálculo do indicador. Por isso, o aumento do consumo gera maior confiança da indústria. “Como a atividade econômica tem dado sinais de fortalecimento, os empresários conseguem projetar mais lançamentos, mais vendas e mais estoques. É um ciclo que se realimenta”, destacou o estrategista da RB Investimentos, Gustavo Cruz.

A demanda estimulou o setor de serviços, que avançou 1,3% na comparação com o primeiro trimestre, com destaque para o

crescimento de 3,3% no segmento de “outros serviços”, que agrega as atividades mais dependentes do contato pessoal, como bares, restaurantes, lazer, salões de beleza, entre outros. Palis citou a normalização do funcionamento dos negócios, a melhora no mercado de trabalho, a alta do crédito e as medidas de transferência de renda do governo como fatores por trás desse crescimento.

Segundo Juliana Trace, economista do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (Ibre-FGV), programas como o Auxílio Brasil ainda devem contribuir para o consumo no segundo semestre. No entanto, será difícil manter o resultado na mesma magnitude. “Por mais que ainda tenhamos estímulos

na economia, vivemos um aperto monetário muito grande. Temos uma taxa de juros elevada desde o início do ano e isso tem efeitos defasados sobre a atividade econômica. A gente deve sentir o impacto disso no terceiro e no quarto trimestres”, afirmou.

A tendência, de acordo com a economista, é de que as famílias sigam o consumo de bens duráveis, que têm maior valor agregado, como automóveis e computadores. “Esses itens requerem maior nível de financiamento do que outros tipos de consumo e taxa de juros elevada acaba atuando como uma barreira. Então, se a pessoa puder postergar um pouco, vai aguardar para comprar quando a taxa de juros estiver mais baixa.”